

**QUALIDADE PAISAGÍSTICA DOS ESPAÇOS LIVRES EM
AÇAILÂNDIA/MA: ESTUDO DE CASO DA PRAÇA BOA ESPERANÇA**
LANDSCAPE QUALITY OF FREE SPACES IN AÇAILÂNDIA/MA: CASE STUDY OF
PRAÇA BOA ESPERANÇA

Gabriel Moraes da Silva¹
Marinna Rafaella de Carvalho Sousa Bezerra²
Érick Rafael Salvador de Lima da Cruz³
Roniery da Silva Cruz⁴
Vanessa Andrade Brito⁵

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade analisar a qualidade paisagística de um espaço livre público no município de Açailândia no Maranhão, a praça da Boa Esperança. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a avaliação pós-ocupação para espaços livres (APO), levantamentos cadastrais da área, aplicação de questionários e mapeamentos de leitura técnica da área de estudo. Além disso, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre os temas paisagem, espaços livres públicos, praças e suas tipologias com o objetivo de contextualizar a importância desses ambientes para a sociedade e a sua função na qualidade paisagística urbana. Após a realização da pesquisa foi possível constatar alguns problemas do ponto de vista técnico e do ponto de vista do usuário que possibilitou uma reflexão sobre o uso da APO para futuras revisões de projetos e reformas de praças públicas.

Palavras-chave: Paisagem. Espaços livres. Avaliação pós-ocupação. Açailândia. Praça Boa Esperança.

ABSTRACT: This article aims to analyze the landscape quality of a public open space in the municipality of Açailândia in Maranhão, the Praça da Boa Esperança. The methodology used for the development of this research was the post-occupancy evaluation for open spaces (APO), cadastral surveys of the area, application of questionnaires and mapping of technical reading of the study area. In addition, bibliographic surveys were carried out on the themes of landscape, public open spaces, squares and their typologies in order to contextualize the importance of these environments for society and their role in urban landscape quality. After conducting the research, it was possible to verify some problems from the technical point of view and from the user's point of view that made it possible to reflect on the use of APO for future revisions of projects and reforms of public squares.

Keywords: Square Good Hope. Landscape. Public spaces and POA.

¹Professor Especialista, Mestrando em Arquitetura Paisagística pela UFRJ, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz/MA, E-mail: gabrielo60236@ceuma.com.br.

²Professora Mestra em Geografia pela UFT, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz/MA E-mail: marinnao60225@ceuma.com.br.

³Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz/MA E-mail: erick109235@ceuma.com.br.

⁴ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz/MA E-mail: roniery104240@ceuma.com.br.

⁵ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Ceuma – Campus Imperatriz/MA E-mail: vanessa103692@ceuma.com.br.

I. INTRODUÇÃO

Os espaços públicos são fundamentais para inter-relação da sociedade, promovendo lazer e cultura para todos, possibilitando uma integração entre os indivíduos e aumento da qualidade de vida.

Nas cidades as praças se tornam locais de encontro e de socialização entre as pessoas, facilitando convívio e trocas entre os mais diversos grupos que compõe a comunidade. Neste artigo analisamos uma praça da cidade de Açailândia, município brasileiro do estado do Maranhão, que possui uma população de 113.783 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). A cidade se estende por 5.806,4 km² e sua densidade demográfica é de 19,4 habitantes por km² no território.

Diante da importância das praças na cidade que serão relatadas ao decorrer do texto, o presente artigo tem como objetivo analisar e identificar a ocupação da Praça Boa Esperança, localizada ao lado Br - 222 e da rua Santa Luzia, no bairro Vila Progresso II (bairro este que está passando por tramites legais para ser renomeado como bairro “Três Poderes”).

O local que antes era apenas um terreno sem uso adequado, utilizado apenas para despejo de entulhos e estacionamento da Igreja Assembleia de Deus SETA localizada a frente do terreno. Por ser um local às margens de uma rodovia federal com um grande fluxo de automoveis e pedestres, gerava insegurança e desconforto à população local. Com o surgimento do projeto de requalificação do antigo mercado municipal (abandonado a mais de 10 anos) para se tornar uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), foi planejado uma intervenção naquele terreno antes sem uso, como apresentado (Figura 01) a seguir.



Figura 01 - Localização da praça.

Fonte: Google Earth (2011)



Figura 02 – Localização da Praça Boa Esperança.

Fonte: Google Earth (2022).

Segundo o site oficial da prefeitura de Açailândia (2018) a obra foi financiada pelo governo do estado do Maranhão em parceria com o governo municipal, sendo a empresa responsável pela obra a Construtora Quadrante Ltda. O início da intervenção foi em 2017 e foi pensada para ser uma área de lazer e incentivo ao esporte entre a população, se tornando cartão postal da cidade, sendo inaugurada em 2020.

A praça foi implantada em frente a antiga UPA Dr. Ubirajara Neres Souza (Figura 02), que atualmente é o Hospital Regional de Açailândia. Devido ao seu entorno o local analisado ficou conhecido como a Praça da Upa por toda a população, se tornando uma paisagem conhecida por todos os habitantes.

O termo verdadeiro de paisagem é pouco conhecido pela sociedade, ela pode ser interpretada de várias formas, inclusive pela mesma pessoa. Tudo é paisagem, tudo pode ser visto e interpretado de acordo com a realidade de cada pessoa, onde nem tudo o que um enxerga ao ver a imagem da paisagem, é visto por outra pessoa mesmo estando lado a lado e olhando no mesmo sentido. O significado final da paisagem pode vir para a pessoa de acordo com a ideologia que a mesma segue, tornando cada imagem uma realidade diferente.

Assim, chegando no paisagismo, pode-se considerar que é a arte de criar, recuperar e até mesmo valorizar a paisagem, seja lá qual e para quem seja. Da mesma forma que a paisagem tem o poder de mudar locais, pode também facilmente mudar pessoas, sociedades.

Diante disso, será apresentado no decorrer do artigo conceitos importantes para definirmos de fato a paisagem e os seus espaços, com pesquisas e estudos sobre o trabalho desenvolvido, considerando aspectos relatados pela população.

2. Metodologia

Para o presente estudo foi utilizado uma pesquisa bibliográfica de toda área estudada com a revisão de material bibliográfico existente e que diz respeito a praça da Boa Esperança, após foi realizado um levantamento de dados do espaço, com visitas ao local para identificar os equipamentos e temáticas percorridas no texto.

A metodologia está baseada em dois pontos fundamentais: estrutura física e seu uso. Com a utilização de levantamentos, diagnósticos e avaliação pós-ocupacional da área, com uma pesquisa quantitativa dos equipamentos e vegetação, e uma análise qualitativa para considerar a condição do espaço. Também, a aplicação de um questionário com a comunidade que usufrui da praça com o intuito de qualificar o ambiente com a opinião da população.

2. Fundamentação Teórica

Para retratar a importância desses espaços para toda a sociedade usufruir se faz necessário definir alguns conceitos de suma notoriedade, como áreas públicas, paisagens, as praças e estudar todo o uso de acordo com a carência da população.

1204

2.1 Definição de Paisagem

Muitos pensam que o paisagismo se limita a um espaço pequeno, como um jardim, um parque ou uma intervenção no passeio público. Mas, na verdade, o paisagismo engloba escalas maiores, não só a microescala. A imagem da cidade está diretamente ligada ao paisagismo, toda a estrutura é interligada, desde a infraestrutura até o comportamento social do local. Olhar para um centro e ver a paisagem do “crescimento” tem o mesmo peso de olhar para a periferia e ver uma paisagem “estagnada”, e o paisagismo tem direta ligação com todas as relações possíveis dentro do espaço, podendo representar de várias formas a realidade local.

O paisagismo é sim responsável por construir a imagem agradável do jardim residencial, a imagem confortável do parque ambiental, da beleza de uma rua urbanizada. Porém é também o responsável por tentar mudar a imagem da cidade abandonada, da periferia desprovida de esperança, daquele bairro operário largado às traças e à ferrugem. O paisagismo traz vida aos locais mortos, muitas vezes não em curto prazo, mas a longo,

principalmente quando o seu papel é restituir a natureza morta pelo homem. É uma arte digna de respeito e maior valor, pois tudo é paisagem, e tudo tem importância.

Diferentemente do que a sociedade pensa, a paisagem não se limita apenas a uma área verde, ela é tudo o que nós conseguimos enxergar. O homem foi adaptando o ambiente ao longo de sua história e assim as cidades foram sendo formadas de acordo com a necessidades dos indivíduos.

Existem dois tipos de paisagens, a natural, que não sofreu nenhuma influência do homem e a humanizada, que foi modificada por ele. Ou seja, a paisagem engloba tudo o que está sendo visto, as cidades, praças, cômodos e afins.

Segundo o antropólogo britânico Edmund Leach (1985), "O modo de representarmos o ambiente não é uma simples cópia" da "realidade, mas contém em si a própria possibilidade de articularmos livremente essa representação." A superfície terrestre possui um relevo muito variado, com paisagens de formas muito diferentes e com abundantes formas vivas, mas muito mais distintas são as maneiras com que as pessoas percebem e avaliam esta superfície.

A paisagem é composta não só pelo que se estende diante de nossos olhos, mas também pelo que podemos interpretar de acordo com nosso repertório cultural. Duas pessoas não veem uma realidade do mesmo modo, nem grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente, porém compartilham de percepções comuns, em virtude de possuírem estrutura física e sentidos semelhantes, como a visão e a percepção. A percepção é um fator de extrema importância para a definição de um conceito sobre paisagem, pois "(...) as paisagens revelam-se diferentemente a cada observador, de acordo com diferentes graus de percepção e interesse", porém elas também estão ligadas à cultura de um povo e ao modo como representa. Logo, a paisagem é o resultado dessa consorciação de elementos de representação, de percepção e de interesse.

A primeira impressão de uma paisagem ou de um lugar é que vai dar a compreensão das sensações e dos sentimentos que a conformação desse ambiente físico causa no observador, criando, assim, as noções de paisagem real e de paisagem imaginária. Ítalo Calvino (1972) sobre as Cidades Inteligentes "Paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha. (...) No entanto, cabe também reconhecer que, quando uma determinação ideia de paisagem, um mito, uma visão, se

forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário."

2.2 Espaços Livres

Os espaços livres são, pela definição de Miranda Magnoli (1982), todos os espaços "livres de edificação", ou seja, todos os espaços descobertos, sejam eles urbanos ou não, vegetados ou pavimentados, públicos ou privados. Desta maneira, o estudo dos sistemas de espaços livres vai muito além das áreas verdes, dos espaços vegetados, dos espaços públicos, ao envolver todos os espaços livres.

O conceito de sistema de espaços livres aqui proposto se sobrepõe, contém e amplia o conceito usual de "áreas verdes" frequentemente utilizado no país, que tem como base a necessidade de espaços livres dotados de vegetação. Esta é uma noção reducionista dos espaços livres, deixa de lado características fundamentais do espaço urbano, como a complexidade e diversidade das formas de apropriação e apreensão social e o fato real da impossibilidade física e mesmo da inconveniência da existência de vegetação em determinados espaços livres. Como o arquiteto e urbanista Eugenio Fernandes Queiroga discorreu no seu artigo "Sistemas De Espaços Livres Urbanos", sobre essas áreas:

1206

A noção de sistema de espaços livres aqui adotada abrange um escopo muito maior que o do "sistema de áreas verdes". Espaços livres e áreas verdes freqüentemente ainda se confundem no Brasil; muito em função da cultura anglo-saxônica na área de paisagismo, presente nos quadros técnicos e acadêmicos do país, que privilegia os parques e demais áreas verdes e nem sempre observa a maior complexidade dos sistemas de espaços livres urbanos. (QUEIROGA, 2007:80).

Essas áreas muitas vezes não são espaços verdes e arborizados, elas podem ser locais irregulares, desequilibrado, porém, a intenção é revitalizar e melhorar esses ambientes impróprios e transforma-los em espaços habitáveis e sociáveis.

Segundo Lamas (1993), a praça é um elemento das cidades ocidentais que se traduz na intencionalidade do desenho desses espaços: "[...] está intencionalidade repousa na situação da praça na estrutura urbana, no seu desenho e nos elementos morfológicos (edifícios) que a caracterizam".

2.3 Praças

De acordo com Alice Rodrigues Lautert (2019), em seu artigo, "as praças são espaços livres públicos muito comuns e frequentados nas cidades em geral. As praças podem ser

utilizadas de diversas formas, tanto para realização de atividades culturais, manifestações artísticas e políticas, comércio, descanso, lazer e recreação, entre outros. Elas se caracterizam como um importante espaço de reunião e ponto de encontro na cidade, sendo sua maior função a de caráter social. O arquiteto, urbanista e paisagista possui o desafio de trabalhar com praças e seu entorno, a fim de proporcionar melhorias nesse espaço público, de modo a influenciar positivamente a qualidade de vida e a relação dos usuários com a cidade.”

Um ambiente público precisa ter uma identidade visual e cultural que aproximem o público, que tragam memórias, sentimentos, conforto e bem-estar aos que rodeiam o espaço, ocasionando uma inter-relação entre o espaço e a população. De acordo com Vaz (2005), dentre os espaços públicos urbanos, a praça desempenha um papel particular, que lhe atribui a condição privilegiada de centralidade urbana, com caráter permanente no desenvolvimento das cidades.

O termo ‘praça’ deriva do latim platea –rua larga –, designando na linguagem coloquial do Brasil um tipo particular de espaço público urbano –uma forma arquitetônica aberta. Pode-se observar o sentido comum nas línguas neolatinas, nas quais o termo ‘praça pública’ designa um lugar descoberto, uma área livre cercada de edificações e emoldurada por suas fachadas, as quais estabelecem os limites e, ao mesmo tempo, contêm as aberturas para o espaço exterior (VAZ, 2010:233).

Esses ambientes são essenciais para morfologia e funcionalidade da cidade, a sociedade necessita de áreas que promovam em seu cotidiano bem estar e ocasione o aumento da qualidade de vida dos moradores locais, proporcionando um conforto e sensação de pertencimento, principalmente quando a praça possui elementos importantes para a cidade.

O ambiente estudado tem como sua tipologia o edifício de uso misto que são aqueles nos quais diversos programas convergem em um único projeto, a praça estudada é utilizada por diferentes públicos com o uso para esporte, recreação, lazer e convivência.

É necessário relatar os benefícios que esses espaços com áreas verdes e cobertura vegetal possibilitam ao seu entorno, como conforto térmico e um microclima mais equilibrado, além de retenção de partículas poluidoras, propicia sombreamento e melhoria na insolação dessas áreas. Possuem também valores estéticos, exercendo importante papel na identidade do município e para a paisagem urbana.

2.4 Avaliação Pós-Ocupação (APO)

O objetivo de cada projeto é fornecer eficiência e qualidade, e se for necessário analisar o trabalho existente como base para entender opiniões individuais e aceitabilidade, leve isso em consideração. Portanto, é importante refletir e avaliar a ocupação desses ambientes, principalmente o público de alto tráfego.

Avaliação Pós-Ocupação (APO) – Uma avaliação retrospectiva do ambiente construído (repensando o significado de um projeto após sua ocupação). Utilizando uma perspectiva sistêmica e retroalimentada, diagnostica e recomenda avaliar modificações e reformas de objetos ambientais, aprofundando a compreensão do meio ambiente, com vistas a futuros projetos semelhantes.

A APO é assim um conjunto de métodos aplicados aos estudos das relações ambiente-comportamento, cujos resultados se relacionam com a participação, na própria pesquisa, dos diversos agentes envolvidos na produção e uso do ambiente em foco, e principalmente porque conta com o conhecimento crítico da vivência diária dos usuários. Segundo Sheila Ornstein, professora da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP), a primeira avaliação deve ser feita prioritariamente um ano após a ocupação dos imóveis das cidades.

Depois desse período, os ocupantes já se acostumaram com o edifício e com o bairro, têm uma opinião formada sobre os espaços e as condições de conforto ambiental e acústico. Além disso, já passaram as quatro estações do ano. (ORNSTEIN, 2020).

É a partir da avaliação pós-ocupacional de ambientes semelhantes que se faz possível produzir ambientes mais adequados, atendendo às necessidades da sociedade local e beneficiando cada um da forma correta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na idade média as praças eram espaços vazios no centro da cidade, sendo utilizada como comércio, circulação e encontro de pessoas. Já na era moderna essas áreas são projetadas para as pessoas socializarem, praticarem atividades esportivas, lazer, convívio social, recreações infantis e diversas outras funções com o intuito de proporcionar a qualidade de vida.

A Praça Boa Esperança, como dito anteriormente, surgiu da necessidade de promover entretenimento para as famílias, espaços para exercícios e lazer. A necessidade

do espaço ganhou ainda mais visibilidade após a inauguração da UPA em 2016, fazendo com que a construção da praça se tornasse prioridade local. O projeto tem como autor o técnico em edificações (que atualmente, ano de 2022, é graduando de arquitetura e urbanismo) Donalton de Sousa Santos, membro da equipe de projetistas da Secretaria de Planejamento (SEPLAN) de Açailândia, equipe esta que foi de extrema importância para o concebimento do projeto. A obra iniciou no início de 2017 e já era utilizada no fim de 2018, mesmo ainda não tendo sido oficialmente inaugurada.

O projeto, locado em um terreno que chega a medir 520 metros de comprimento por 42 metros de largura em alguns pontos. Conta com extensa pista de cooper e ciclofaixa, chegando a um percurso de mais de 1km. Conta também com playground, espaço central para eventos, campo de areia, quiosque, academias ao livre e uma fonte d'água no centro da praça, trazendo representatividade cultural da cidade.

A seguir, a planta geral da praça Boa Esperança:

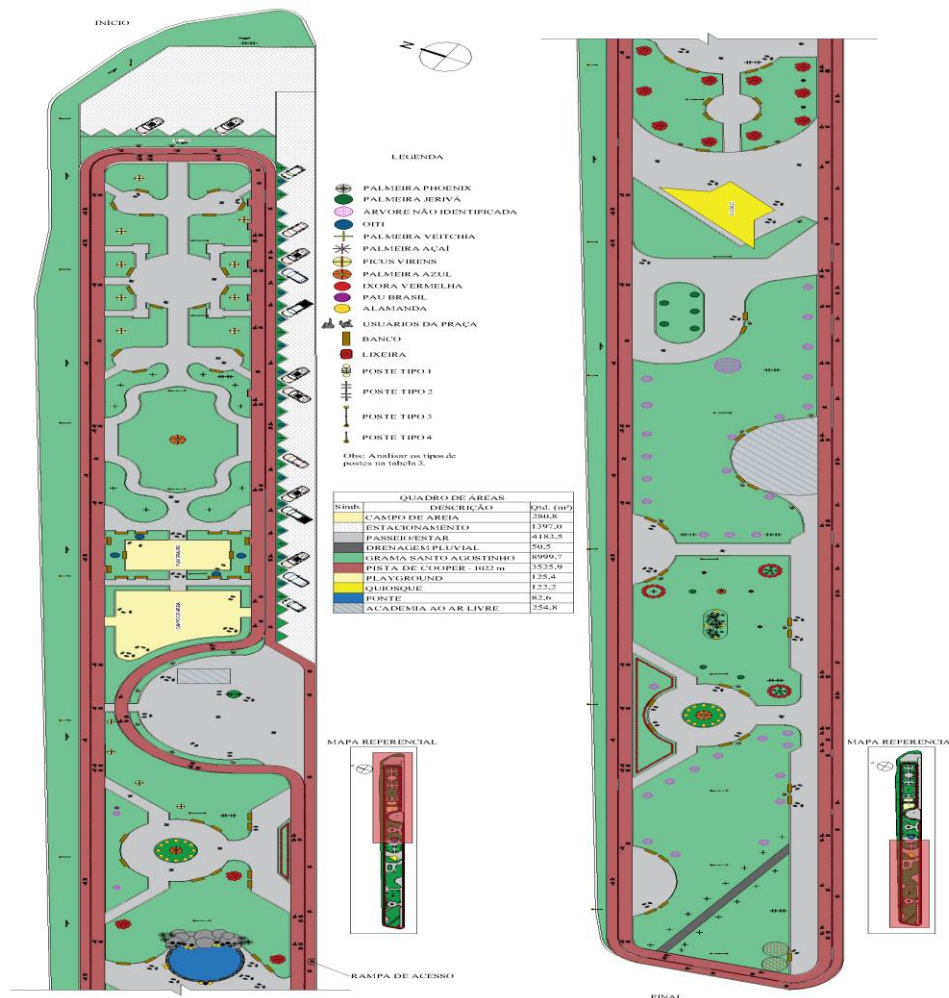


Figura 03 – Praça Boa Esperança.

Fonte: Autor do projeto e modificado pelos autores do artigo (2022).

3.1 Equipamentos da Praça

O local analisado é bastante utilizado pela população, tornando-se uma das praças mais frequentadas da cidade, portanto, foi escolhida para ser a análise deste trabalho. Foi realizado o levantamento de todos os monumentos e mobiliários presentes no espaço, para avaliar o seu uso geral e com base na opinião de seus usuários.

Para De Angelis (2008, p. 1451), os bancos são considerados um dos elementos essenciais, pois ao “[...] pensar em uma praça, surge como uma das primeiras associações de ideias o descanso, o sentar-se, o conversar, contemplar ou, simplesmente, tomar sol”. A seguir será apresentado (Tabela 01) os equipamentos encontrados, entre eles os monumentos localizados no centro da praça que trazem alusão ao hino da cidade de Açailândia, representando o trecho “Da fonte onde vive o poeta, filhos dos açazais” (Composição: Luis Fernando e José Carlos).

DESCRIÇÃO	QUANT.	IMAGEM
Bancos em concreto armado com aparência de madeira, resistente ao uso mais intenso.	84 unidades	
Lixeiras de ferro, tem como principal característica a sua posição estática e em altura adequada ao fácil descarte dos resíduos.	6 unidades	
DESCRIÇÃO	QUANT.	IMAGEM
Estátua em concreto armado em formas específicas, com alta resistência.	01 unidade	
Fonte d'água em concreto armado, com pedras que formam a volumetria, onde fica uma caída de água.	01 unidade	

Tabela 01 – Mobiliários e monumentos da praça.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

A praça em análise possui uma área de 20.135,00 m², que mesmo sendo um local extenso com presença de rampas internas e uma área sinalizada na cor vermelha para a

ciclovía e em azul para pista de cooper, mas ambas são utilizadas prioritariamente para caminhada, sendo mínimo (e até nulo) o número de ciclistas no local.



IMAGEM 03 – Praça da Boa Esperança.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022).

Possui apenas uma rampa de acesso, na rua Santa Luzia, e ainda com inclinação inadequada, não obedecendo os requerimentos mínimos exigidos pela norma de acessibilidade (NBR 9050), e conta também com a ausência de piso tátil, que será identificado a seguir (TABELA 02). A praça também conta com estacionamento suficiente para atender mais de 60 veículos, dentre eles carros e motos.



DESCRIÇÃO	QUANT.	IMAGEM
Rampa com inclinação inadequada, em frente a faixa de pedestre que dá acesso ao hospital.	01 unidade	
Piso em concreto moldado in loco utilizando moldes de paginação específica.	3108,5 m ²	
Piso em bloquete, não exige o uso de rejuntas de cimento ou argamassa pois são assentados diretamente sobre uma camada de areia.	1397 m ²	
Passeio em placas cimentícias, são duráveis e resistentes ao grande fluxo de pessoas e uso contínuo.	4600,9 m ²	

Tabela 02 – Acessibilidade da praça.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

A praça é muito utilizada na parte da noite pela população, onde tem como seu principal uso a prática de esportes, tornando necessário ter uma boa iluminação que proporcione segurança e conforto para quem usufrui, na tabela abaixo (Tabela 03) é apresentado todos os postes de iluminação e energia dispostos no local.



DESCRIÇÃO	QUANT.	IMAGEM
<p>Poste Metálico Articulado - 2 pétalas. É resistente, durável e apresenta um baixo custo de instalação e manutenção. Tipo 1</p>	23 unidades	
<p>Poste de concreto circular - 1 pétala. Utilizados em redes de transmissão de energia elétrica e iluminação pública. Tipo 4</p>	13 unidades	
<p>Poste Cruzeta com 4 refletores, muito prático, econômico e de fácil instalação. Tipo 3</p>	15 unidades	
<p>Poste de concreto retangular, que sustenta linhas de transmissão de energia. Tipo 2</p>	10 unidades	

Tabela 03 – Iluminação da praça.
Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

É de fundamental importância a área verde em praças, tanto pelo conforto térmico e ambiental, quanto pela estética e proposta do ambiente. Como o local é ao lado da Br-222, possui grande movimento em seu entorno e o uso da arborização chama atenção para a área. A seguir será apresentada (Tabela 04) todas as espécies encontradas e utilizadas na praça.

DESCRIÇÃO	QUANT.	IMAGEM
<p>Nome Científico: Ficus Virens</p> <p>Nome Popular: Figueira</p> <p>Família: Moraceae</p> <p>Porte: Árvore de até 9m de altura.</p>	13 unidades	
<p>Nome Científico: Stenotaphrum Secundatum</p> <p>Nome Popular: Grama Santo Agostinho</p> <p>Família: Gramíneas</p>	A=8999,7 m ²	
<p>Nome Científico: Ixora chinensis</p> <p>Nome Popular: ixora chinesa</p> <p>Família: Rubiaceae</p>	-	
<p>Nome Científico: Licania tomentosa</p> <p>Nome Popular: Oiti</p> <p>Família: Chrysobalanaceae</p>	20 unidades	
<p>Nome Científico: Bismarckia nobilis</p> <p>Nome Popular: Palmeira Azul</p> <p>Família: Arecaceae</p>	04 unidades	
<p>Nome Científico: Paubrasil Pau-brasil</p> <p>Nome Popular: Pau-brasil</p> <p>Família: Fabaceae</p>	01 unidade	
<p>Nome Científico: Allamanda catártica</p> <p>Nome Popular: Alamanda</p> <p>Família: Apocynaceae</p>	36 unidades	
<p>Nome Científico: Phoenix roebelenii</p> <p>Nome Popular: Palmeira-Anã</p> <p>Família: Arecaceae</p>	16 unidades	
<p>Nome Científico: Veitchia merriillii</p> <p>Nome Popular: Palmeira veitchia</p> <p>Família: Arecaceae</p>	46 unidades	

Nome Científico: Terminalia catappa	03 unidades
Nome Popular: Castanheira da praia	
Família: Combretaceae	

Tabela 04 – Vegetação da praça.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

Na última análise feita dos equipamentos da praça foram levantados alguns espaços destinados a atividades diversas, tais como academia ao ar livre dispostas em 2 ambientes diferentes, um campo de areia para prática de jogos, playground para as crianças brincarem, além disso o local possui banheiros feminino e masculino e ao lado um bebedouro no centro da praça. Como será apresentado a seguir na tabela (Tabela 05) abaixo.

DESCRIÇÃO	QUANT.	FOTO
Playground de madeira, são ideais para espaços ao ar livre uma vez que são mais resistentes ao sol e às mudanças climáticas.	07 A=125,4 m ²	
Academia ao ar livre, são instalações de aparelhos de musculação e exercícios físicos implantados em espaços públicos.	11 A=254,8 m ²	
Campo de Areia, para prática de esportes.	01 A=280,8 m ²	
Lanchonete localizada no centro da praça, com vendas de lanches.	01 A=122,2 m ²	
Bebedouro, banheiro feminino e masculino.	01 (de cada)	

Tabela 05 –Equipamentos da praça.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

3.2 Horários de utilização da Praça

O principal uso da praça da Boa Esperança é para a prática de exercícios, o local se tornou um cartão postal para os habitantes da cidade caminharem, realizarem esportes, jogos, danças e eventos que promovam a saúde. Com isso foi realizado uma pesquisa através de entrevistas e estudos para avaliarem o horário mais movimentado do espaço e foram encontrados os seguintes resultados:

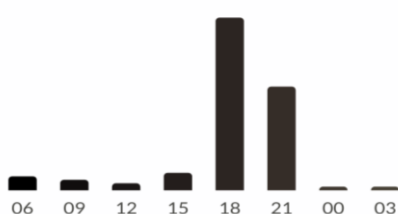


Figura 1 – Horários de movimento na praça no meio de semana.

Fonte: Dados produzidos pelo autor (2022)

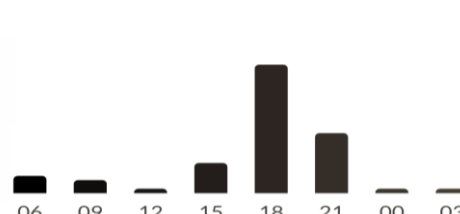


Figura 1 – Horários de movimento na praça nos fins de semana.

Fonte: Dados produzidos pelo autor (2022)

A praça boa esperança se tornou um local de grande movimento onde as pessoas utilizam para fazer caminhadas, aulas de aeróbica, exercícios físicos e jogos diversos. Durante a semana o local é bastante movimentado pela população em geral.

Aos finais de semana a praça tem uma diminuição de movimento, porém ainda assim aos sábados o local recebe eventos esportivos para a população, estimulando a frequência nos finais de semana.

3.3 Estudo do Entorno

O uso em torno da praça Boa Esperança é bastante diversificado devido sua localização, ao lado da BR-222, fazendo com que seja possível encontrar uso residencial, comercial, religioso, intitucional e lazer, como mostrado a seguir (Imagem 04).



Imagem 04 – Mapa de uso do entorno e trajetória solar.

Fonte: Google Earth (2022).

3.4 Aplicação e resultados da APO

Para validar a APO da praça Boa Esperança foi realizada a principal ferramenta dessa tipo de pesquisa, a ação em campo através de entrevista com usuários. Assim, foram definidas duas visitas ao local com a finalidade de colher dados dos transeuntes. A primeira, realizada no dia 20 de setembro de 2022 (uma terça-feira), ocorreu entre os horários de 17:30 e 19:00 horas, possibilitando colher a opinião de vinte e uma pessoas, além de usar o tempo no local para observar as formas que a praça era utilizada. A segunda visita, ocorrida no dia 24 de setembro de 2022, agora foi feita no horário da manhã entre às 6:00 e 7:00 horas, tendo mais nove pessoas entrevistadas, totalizando 30 avaliações individuais colhidas.

De tal forma foi possível chegar a resultados relevantes para a APO do local. Ao fim do levantamento, descobriu-se que 70% dos usuários utilizam o local apenas durante a noite (foi considerado período noturno aquele a partir das 17 horas), e os outros 30% apenas pela manhã. Automaticamente outro ponto observado foi o fato de que os usuários não utilizam o ambiente mais de uma vez por dia.

Como já citado anteriormente, a praça em estudo é conhecida principalmente como "Praça da UPA", devido ter sido construída em frente a uma Unidade de Pronto Atendimento, assim, ao serem questionado, 83,33% das pessoas confirmaram não saber que o real nome da praça é "Boa Esperança", causando espanto em muitos deles o fato de sempre frequentarem e não saberem a verdadeira nomenclatura do local. Já em relação a faixa etária encontrada usando os ambientes da praça, foi possível observar uma grande diversidade de idade. O gráfico a seguir (Gráfico 01) mostra o resultado encontrado ao serem questionados a qual faixa etária pertenciam. De antemão, pode-se perceber que a presença de pessoas que possuem entre 16 e 25 é superior às outras, chegando a 43,33%.

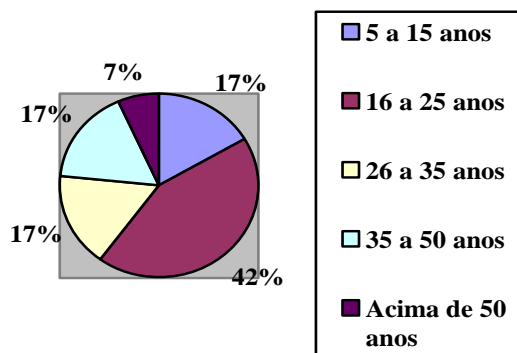


Gráfico 01 – Média de idade das pessoas que usam a praça.
Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022).

É importante destacar que a praça possui um ritmo fluido, fazendo com que em momentos diferentes, faixas etárias diferentes dominem o ambiente, sendo assim um local para todas as idades.



Imagem 05 – Passeios da Praça Boa Esperança.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022).

A APO se torna ainda mais valiosa a cada questão aplicada durante o questionário, tornando mais válido os resultados encontrados.

Por se tratar de um espaço público com grande área, e criado para variados públicos, o uso da praça Boa Esperança é considerado misto, pois oferece a possibilidade dos usuários usarem o espaço para lazer, esporte, contemplação, apenas para passagem rápida e até mesmo para trabalho. Com isso, foi levantado que 70% de pessoas usam a praça para esporte, principalmente para a realização de caminhada (benefício proporcionado pela pista de cooper), 23,33% para lazer e 6,66% para passagem. Importante salientar que dentre os entrevistados, não foi encontrado alguém que fizesse da praça um uso para trabalho, mas sabe-se que a mesma proporciona essa atividade aos que precisarem.

Outros pontos também foram abordados durante a pesquisa de campo, dentre eles, o conforto sonoro, a arborização, iluminação, mobiliário e acessibilidade. Foi utilizado modos semelhantes de avaliação de tais questões, sendo indagado aos entrevistados o nível de satisfação e/ou qualidade dos itens, como mostrado na tabela (Tabela 06) a seguir.

Critérios Avaliados	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Conforto Sonoro	0%	83,33%	16,66%	0%	0%
Arborização	16,66%	63,33%	20%	0%	0%
Iluminação	0%	60%	26,66%	13,33%	0%
Mobiliário	0%	33,33%	60%	6,66%	0%
Acessibilidade	0%	56,66%	26,66%	16,66%	0%

Tabela 06 – Pesquisa de avaliação pós-ocupação.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022)

Mesmo localizada ao lado de uma rodovia federal, ao analisar as respostas de modo geral, a praça foi considerada um local confortável acusticamente por 83,33% das pessoas, que ao serem questionadas afirmaram não se incomodar com os ruídos de freadas, acelerações e buzinas dos veículos. Já em relação à arborização, a mesma recebeu uma avaliação positiva de 70% (soma de “bom” e “ótimo”), dando a entender que a vegetação atual já atende os usuários, e aos 20% que acham regular a qualidade da arborização notou-se que o motivo se baseia na demora de as espécies presentes alcançarem seu maior porte, principalmente as palmeiras. A iluminação chegou a satisfazer 60% das pessoas, mas aos que demonstraram ter satisfação negativa foi observado que os motivos se baseiam na falta de manutenção dos postes, onde alguns se encontram com os painéis de LED queimados, o que diminui a eficácia da iluminação geral da praça.



Imagem 06 – Iluminação da Praça Boa Esperança.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022).

Dentre os itens avaliados na tabela (Tabela 06) anterior, o que mais recebeu críticas e avaliação negativa (considerando as respostas “regular”, “ruim” e “péssimo”), foi o mobiliário geral da praça. Parte dos usuários pontuaram a falta de conforto dos bancos por não possuírem encostos, tornando a permanência nos mesmos uma experiência desagradável com o tempo. O número baixo de lixeiras, falta de manutenção dos banheiros destinados ao público e do bebedouro foram os outros pontos destacados como negativos para o mobiliário geral.

Outro ponto importante, e muito visado atualmente, avaliado durante a pesquisa de campo foi a satisfação dos usuários em relação à acessibilidade da praça. Acredita-se que os 56,66% dos entrevistados que demonstraram satisfação, o fizeram por falta de conhecimento técnico, desconsiderando o real significado de acessibilidade, que seria no mínimo a presença de rampas acessíveis (que no caso estudado só é encontrada uma

rampa, e que visivelmente não atende os requisitos da NBR 9050) e a existência de piso tátil. Apenas os 16,66% que responderam “ruim” demonstraram conhecimento sobre a finalidade da acessibilidade, principalmente em locais públicos.

A fim de aumentar a veracidade das respostas dadas durante o questionário, foi levantado algumas questões pontuais para que fosse possível considerar válidas, evitando opiniões “soltas” sobre o local. Assim, ao serem questionados quantas vezes frequentavam a praça, 70% informaram que diariamente (no mínimo cinco vezes por semana), 20% apenas nos finais de semana e 10% frequentam esporadicamente (poucas vezes por mês e/ou semestre). Posteriormente, ao serem indagados por quanto tempo permanecem usufruindo do ambiente, percebeu-se que a maior parte, 63,33% dos usuários, costumam passar de 1 a 2 horas na praça, enquanto os outros permanecem uma quantidade de tempo diferente como mostra o gráfico (Gráfico 02) a seguir.

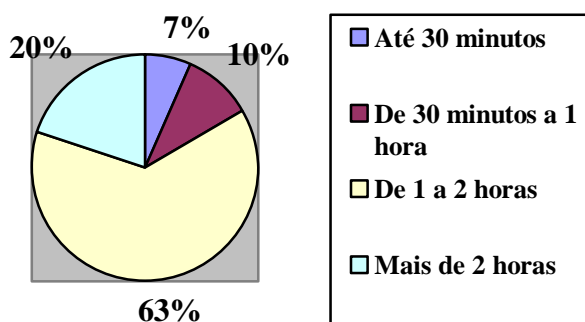


Gráfico 02 – Tempo que as pessoas ficam na praça.

Fonte: Dados produzidos pelos autores (2022).

Como o projeto da praça foi concebido para atender um público variado e se tornar referência local, tal fato automaticamente fez com que a relação dos mesmos com a área da praça fosse semelhante, onde concluiu-se que 73,33% dos usuários são moradores de bairros vizinhos (como a Vila Ildemar, maior bairro da cidade, por exemplo), 16,66% são moradores do próprio bairro onde se encontra a praça e 10% são visitantes de outras localidades da cidade. Isso faz com que a variedade de pessoas contribua para a interação da população, possibilitando aos usuários novas experiências sociais.

Por fim, finalizando o questionário avaliativo sobre a ocupação da praça Boa Esperança, 86,66% dos entrevistados afirmaram que as expectativas criadas ao imaginar uma praça proposta para levar maiores relações sociais, possibilitar o uso para exercícios

físicos e esportes e contemplar um lugar com espaços verdes em meio a cidade urbanizada, foram, sem dúvidas, atendidas pela praça em estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliar um espaço público através das técnicas apresentadas é de suma importância para a sociedade, inclusive para a administração pública, que a partir dos resultados encontrados podem definir se a obra cumpre com seus propósitos ou não, e a partir de tal informação, traçar objetivos de melhoras para o local, cumprindo ou não seu papel inicial.

Considerando os resultados encontrados sobre a praça Boa Esperança, conclui-se que boa parte de seus propósitos projetuais são encontrados ativamente na prática. Toda a comunidade local e de outras áreas foram atendidas, proporcionando um aumento de relações sociais, prática de exercícios físicos e contemplação de área verde, todos os benefícios desejados quando se projeta para um local antes em desuso e marginalizado. Assim, a praça em estudo é, de modo geral, considerada satisfatória e bem utilizada.

Entretanto, não se pode deixar de lado os pontos falhos elencados pelos usuários, como a falta de mais opções ao tentarem consumir alimentos na praça, a demora em realizar manutenção nas iluminações, a necessidade de mais banheiros, a falta de políticas públicas que proporcione interações específicas na praça, como aulas de dança (zumba, por exemplo), aumentar o número de lixeiras e buscar estratégias de conforto para os bancos já existentes. Buscar também investir na acessibilidade da praça pode ser considerado prioridade ao observar o grande número de usuários.

Assim, conclui-se de forma positiva o resultado da avaliação pós-ocupacional da praça Boa Esperança, que apesar dos pontos falhos, é um marco de grande valia para a urbanização da cidade de Açailândia, beneficiando principalmente a sociedade.

REFERÊNCIAS

ECKER, Vivian Dall'igna. **O CONCEITO DE PRAÇA E A QUALIDADE DA PAISAGEM URBANA**. Revista *Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 101-110, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/19559>.

MINDA, Jorge Eduardo Calderón. **OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E O CONTEXTO LOCAL: O CASO DA PRAÇA PRINCIPAL DE PITALITO**, Huila - Colômbia. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4496>.

CECÍLIO, LCO. **AS NECESSIDADES DE SAÚDE COMO CONCEITO ESTRUTURANTE NA LUTA PELA INTEGRALIDADE E EQUIDADE NA ATENÇÃO À SAÚDE.** In: Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO; 2001. p. 113-26.

ORNSTEIN, S.W; VILLA, S.B. **QUALIDADE AMBIENTAL NA HABITAÇÃO: AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO.** São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

ANDRADE, Carla. **AVALIAÇÃO PÓS OCUPAÇÃO (APO).** Núcleo de Pesquisa e estudo Hospitalar, 2019. Disponível em: <https://www.nupeha.com.br/post/avalia%C3%A7%C3%A3op%C3%Bocupa%C3%A7%C3%A3o-apo>.

CULLEN, Gordon. **PAISAGEM URBANA.** 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1983. 202 p.

HABERMAS, Jürgen. **MUDANÇA ESTRUTURAL DA ESFERA PÚBLICA: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KLIASS, Rosa Grena. **PARQUES URBANOS DE SÃO PAULO.** São Paulo: Pini, 1993. 211 p.

LAMAS, José M. **MORFOLOGIA URBANA E DESENHO DA CIDADE.** Lisboa: Fundação Calouste Gulheran, 1993. 590 p.

Hannes, Evy. **ESPAÇOS ABERTOS / ESPAÇOS LIVRES: UM ESTUDO DE TIPOLOGIAS. PAISAGEM E AMBIENTE, (37), 121-144.** 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.voi37p121-144>. 1221

FERREIRA, W. R. **O ESPAÇO PÚBLICO NAS ÁREAS CENTRAIS: A RUA COMO REFERÊNCIA - UM ESTUDO DE CASO EM UBERLÂNDIA-MG.** 2002. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo (Departamento de Geografia), São Paulo, 2002.

GUILHERME, L. et al. **OS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DAS RUAS: ESTUDO DE CASO DE ARAXÁ, MG.** 2016. Disponível em: <http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/03/Os-espacos-livres-p%C3%BAblicos-das-ruas-estudo-de-caso-de-Arax%C3%A1-MG.pdf>

AITA PIPPI, Luis Guilherme.; RODRIGUES LAUTERT, Alice. **PRAÇAS COMO ESPAÇOS PÚBLICOS RELEVANTES.** *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, v. 4, n. 1, p. 112-124, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/16796>.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CENSO DEMOGRÁFICO DA CIDADE DE AÇAILÂNDIA, MARANHÃO.** 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/acailandia.html>

LEACH, Edmund Ronald. **REPENSANDO A ANTROPOLOGIA.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 220 p. (Debates; 88). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/frag.v26i2.4904>.

CALVINO, I. **AS CIDADES INVISÍVEIS**. Milão: Arnoldo Mondadori Editore, Reimpressões 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015008500022>.

Magnoli, M. M. (2006). **ESPAÇO LIVRE - OBJETO DE TRABALHO. PAISAGEM E AMBIENTE**, (21), 175-197. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.voi21p175-197>

Macedo, S. S., Queiroga, E. F., Galender, F. C., Campos, A. C. de A., Custódio, V., Degreas, H., & Gonçalves, F. M. (2012). **OS SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES NA CONSTITUIÇÃO DA FORMA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL: PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO (QUAPÁSEL II)**. *PAISAGEM E AMBIENTE*, (30), 137-172. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.voi30p137-172>.

LAMAS, J. M. R.G. **MORFOLOGIA URBANA E DESENHO DA CIDADE**. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, s/d.

ALMEIDA, Bruna Borges., & Nau Literária, C. E. (2013). **SÉRGIO VAZ E JOÃO MELO: ABORDAGEM DE ESPAÇOS URBANOS**. *Nau Literária*, 9(2). Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.44168>.

VILLA, Simone Barbosa ; ORNSTEIN, Sheila Walbe . **SESSÃO LIVRE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO) E NOVAS TECNOLOGIAS: PESQUISAS EM CURSO E PERSPECTIVAS FUTURAS**. 2021. (Outro). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350923105_Avaliacao_Posocupacao_APO_e_Novas_Tecnologias_Pesquisas_em_Curso_e_Perspectivas_Futuras_Coordenadores_Simone_Barbosa_Villa_e_Sheila_Walbe_Ornstein_DIVERSOS_CO-AUTORES_VI_ENANPARQ_1_A_5_DE_MARCO_DE_20.